

CONCEPÇÃO DA LINGUAGEM EM BAKHTIN E VYGOTSKY NA PRODUÇÃO DE NARRATIVAS POR CRIANÇAS

Ana Virgínia G. S. Pinto¹

Resumo

Este artigo faz uma reflexão sobre a linguagem, através da articulação do pensamento de Bakhtin e Vygotsky. Mostraremos o quanto ambos discordam das correntes linguísticas tradicionais, ressaltando a impressão de uma complementariedade crescente e fecunda entre os dois teóricos, ainda que, assinaladas por caminhadas diferentes, ao destacar um ponto essencial: a linguagem como espaço de recuperação do sujeito enquanto ser histórico e social, que utiliza a narrativa, a partir da infância, para construir sua própria história

Palavras-chave: linguagem; criança; pensamento/memória; interação dialógica.

Introdução

A nossa vida é dialógica por natureza. Ao viver participamos sempre de um diálogo: escutando, respondendo, concordando, etc. Todos os nossos sentidos participam deste diálogo e a palavra é o principal tecido dialógico da existência humana. (Bakhtin, 1991).

O cérebro humano não se limita a conservar ou reproduzir experiências passadas, ele também combina, cria e reelabora. A atividade criadora do homem o torna um ser projetado para o futuro; um ser que, ao criar, contribui e modifica o seu presente (Vygotsky, 1987).

O primeiro contato da criança com o texto é oralmente, com os pais, familiares ou outras pessoas de quem elas ouvem os diversos tipos de histórias. As crianças interagem com as narrativas, acrescentando detalhes, personagens, lembrando fatos que passam despercebidos e histórias reais são contadas, paralelamente aos eventos ocorridos ao mundo imaginário da memória infantil.

A narrativa faz parte da vida da criança desde bebê, através da voz da mãe, das cantigas de roda, narrativas curtas de crianças, animais e natureza. As crianças demonstram, desde cedo, seu interesse pelas histórias. Elas batem palmas, sorriem, sentem medo ou imitam um personagem. Assim é muito importante que a criança ouça muitas narrativas desde pequenas.

Aqui, numa concepção ampliada de linguagem, trataremos a característica da narrativa, enquanto linguagem, como constituidora do sujeito histórico, cultural e social. Nesta perspectiva, ressaltamos a infância como categoria social, que interage no mundo simbólico das histórias reais ou imaginárias, ou ambas ao mesmo tempo.

Ainda nesta vertente, Fiorindo (2005 p.17) afirma que:

não podemos ignorar o poder da narrativa e sua importância em todas as culturas, que pela diversidade de suas formas e funções, às vezes, sagradas não podem ser estudadas dissociadas da experiência humana.

¹ Graduada em Pedagogia – Orientação Educacional e Administração Escolar; Letras – Português/Inglês; Mestranda em Ciências Educação e Saúde/ UNIFESP; Membro do GPPL – Grupo Pesquisa em Psicolinguística/ FFLCH/USP www.fflch.dl/gppl/usp
Currículo lattes disponível <http://lattes.cnpq.br/8351516431166804>
E-mail: jgsp.81@uol.com.br

De acordo com a autora, a narrativa é essencial para evidenciarmos o desenvolvimento linguístico e discursivo na criança.

Assim, nos apoiando em aspectos do trabalho de Vygotsky (1994) e Bakhtin (2000,2002), encontramos a narrativa infantil como atividade interativa, potencializadora da linguagem na criança, que é considerada ator e autor do seu próprio desenvolvimento.

Algumas considerações sobre as ideias de Bakhtin e Vygotsky

Ao articular o pensamento de Bakhtin e Vygotsky sobre a linguagem e o lugar, que ela deve ocupar no âmbito das ciências humanas, temos a impressão de complementariedade, marcada por diferentes caminhos, sempre visando a linguagem como espaço de reconquista do sujeito, como ser histórico e social (Souza, 1994).

Vygotsky e Bakhtin para a elaboração de suas concepções da linguagem partem de uma crítica radical à linguística de sua época. Bakhtin (1981) afirma que a concepção dessas correntes transformam-se num obstáculo à apreensão da real natureza da linguagem como código ideológico ou vivência. Vygotsky (1987) critica, ainda, as correntes e tendências da psicologia contemporânea que, ao estudar a relação, pensamento e palavra, não mencionam o seu processo de desenvolvimento, não fazendo nenhuma referência à sua história.

De acordo com Souza (1994), Bakhtin analisa a linguagem como um sistema construído, que não pode dar conta do modo como realmente a língua funciona. O domínio das regras da língua é limitado e não podem ser entendidas como explicação potencial de tudo. A separação da linguagem do seu conteúdo ideológico/universal é, na concepção bakhtiniana, um dos maiores erros da linguística formalística.

Gostariamos de ilustrar com um exemplo brilhante de Souza (op.cit.,p.101), citando diálogo inteligente extraído de texto de Lewis Carroll:

- Eu sempre digo o que penso – respondeu vivamente Alice. Ou, pelo menos, penso que digo... É a mesma coisa, vocês sabem.
- Não é a mesma coisa, de modo nenhum! disse o Chapeleiro.
- Fosse assim, “vejo o que como” seria a mesma coisa que “como o que vejo”.
- Se fosse assim, “gosto de tudo que tenho” seria a mesma coisa que “tenho tudo que gosto” – disse a Lebre de Março.
- Se fosse assim... disse, por sua vez, o Rato Silvestre, com uma voz de quem está sonhando alto
- “Respiro quando durmo” seria a mesma coisa que “durmo quando respiro”
- Para você é a mesma coisa, sim disse o Chapeleiro. E a conversa morreu... [...]

O jogo de palavras contido no diálogo acima, nos mostra bem o lugar privilegiado do sentido em qualquer enunciado verbal. O texto de Lewis Carroll consegue nos mostrar a limitação linguística, ela não consegue dar conta da imensa variabilidade do sentido da palavra.

A perspectiva para Bakhtin, (1987 *apud* Souza, 1994) é a dialética que nos distancia da noção “naturalista” de desenvolvimento e contempla a criança como um ser incompleto, um “vir a ser”, “o que ainda não é”. Como um processo que vai sendo construído pela própria criança durante as interações com “outros” em seu universo social.

O homem bakhtiniano nunca é fechado, completo. O seu diálogo é sempre inconcluso, infinito e inacabável. (Bakhtin, 1974/1979).

Na concepção de Bakhtin (1985) a palavra não pertence ao falante unicamente. O autor (falante) tem seus direitos inalienáveis em relação à palavra, mas o ouvinte também está presente de algum modo, mais todas as vozes que vieram antes daquele ato de fala ressoando na palavra do autor.

Ainda de acordo com o estudioso, nenhum falante é o primeiro a falar sobre o tópico de seu discurso. O autor sustenta que a linguagem nunca está completa, é tarefa, projeto que sempre caminha e nunca acaba.

Precisamos destacar aqui, o papel do “outro” na relação dialógica bakhtiniana. Para o referido linguista, o autor ou falante sempre imagina que exista uma instância superior para a compreensão de sua obra. Trata-se de um momento constitutivo do enunciado completo, que pode aparecer numa análise profunda de qualquer enunciado. A palavra quer ser ouvida e busca compreensão, seguindo sempre adiante, sem limite. Busca sempre compreensão responsiva.

Temos que, para Bakhtin (1981), o centro organizador e formador da atividade mental não está no interior do sujeito, mas fora dele, na própria interação social. Vejamos um exemplo, nas palavras de Pedro (quatro anos)- diálogo com sua mãe.

- (Adulto) – Mas eu queria te fazer mais uma pergunta.
 (Pedro) – Qual é?
 (Adulto) – Como é que é tua escola?
 (Pedro) – Ah! Isso é difícil de explicar, não dá para explicar.
 (Adulto) – Mas você gosta da escola?
 (Pedro) – Às vezes sim, às vezes não.
 (Adulto) – Qual vezes você gosta da escola?
 (Pedro) – Qualquer vez eu gosto, qualquer vez eu não gosto!
 (impaciente)
 (Adulto) – Mas o que na escola você gosta?
 (Pedro interrompendo) – Agora vamos gravar as músicas!
 (Adulto) – Mas o que na escola você gosta?
 (Pedro) – Isso eu falei. Mas vamos gravar as músicas.

(Souza, 1984, p.112)

No exemplo mencionado percebemos a dificuldade de Pedro para expressar o que pensa em palavras sobre seus sentimentos em relação à escola. Bakhtin (1987, *apud* Souza, 1984) nos diz que, ao expressarmos nossa compreensão sobre qualquer tema para uma outra pessoa, nossa palavra volta sempre modificada para o interior de nosso pensamento. Por isso, quanto mais falamos e expressamos nossas ideias, melhor as formulamos no interior de nosso pensamento. A interação verbal aperfeiçoa, diferencia e aprimora qualquer conteúdo ideológico. Percebemos que, embora Pedro tenha encontrado dificuldades para expressar seu sentimento em relação à escola, ele verbaliza um enunciado que nega saber, mas que, pela própria negação, consegue uma forma para estruturar sua vivência interior, ainda que difusa, mas que começa a conquistar o seu concreto na palavra.

Bakhtin (1981) não analisou a linguagem cotidiana da criança, no entanto, a concepção de linguagem por ele elaborada nos faz lançar um novo olhar com nova compreensão do papel das trocas verbais na formação das ideologias e na constituição da subjetividade da criança. Dessa forma, podemos redefinir o lugar que a criança ocupa na constituição de valores de nosso contexto social. Poderíamos perguntar:

Como a criança aprende o discurso do outro? Como sua palavra revela a ideologia do cotidiano? E assim por diante... Ora, só podemos responder a essas perguntas com a própria linguagem da criança, retirando das falas infantis. A título de ilustração, observamos um exemplo de diálogo, em que o mundo se manifesta na palavra (Souza, 1994, p. 116-117):

(Adulto) – Pedro, diz uma coisa prá mamãe. Que que é um super herói?

(Pedro) – É um desses (mostrando os bonecos). É esse, esse, esse esse...

(Adulto) – E o que um herói faz?

(Pedro) – Luta contra os inimigos, defende a cidade.

(Adulto) – Defende a cidade? E os inimigos, o que eles fazem?

(Pedro) – Eles querem maltratar a Terra e a cidade. E os heróis salvam a Terra e a cidade.

(Adulto) – E como é que os inimigos maltratam, hein?

(Pedro) – Viram monstros, eles têm armas, aí vão atirando, NE? E os bem atirando no mal, pra os maus morrerem. Mas o bem acaba vencendo.

(Adulto) – O bem acaba vencendo? Como é que você sabe?

(Pedro) – Porque tem que vencer, porque ele tem que defender a Cidade, senão vai ficar todo mundo brigando (em tom irritado com a pergunta) .

(Adulto) – Então toda vez o bem vence?

(Pedro) – Ahã ...

(Adulto) – Nunca o mal vence?

(Pedro) – Só teve uma vez que o mal venceu no Giban, mas agora não vai mais vencer proque agora eles têm que defender a cidade, antigamente era assim.

(Pedro, quatro anos).

No tocante a Vygotsky, queremos destacar que ele não se dedicou propriamente às questões socioideológicas da linguagem, fez uma abordagem sócio-histórica, permitindo a compreensão da inter-relação dos fenômenos culturais. Assim, o autor provocou transformações de concepções na consciência da criança, ao longo de seu desenvolvimento.

Através do materialismo histórico e dialético, Vygotsky elaborou uma das mais importantes aplicações do pensamento marxista ao problema das origens e da evolução da consciência no homem.

Em 1984 ele destaca que o uso da linguagem é a condição mais importante do desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores (a consciência) da criança.

O desenvolvimento cultural da criança aparece primeiro em nível social e, depois, em nível individual. É o processo de internalização, transforma-se de um processo interpessoal em um processo intrapessoal, com a utilização de signos e com uma evolução complexa, onde ocorre uma série de transformações qualitativas na consciência da criança. Trata-se, portanto, de resgatar o reflexo do mundo externo no mundo interno (interação da criança com a realidade). Por exemplo, a narrativa retirada de Souza (1994, p.119) nos mostra isso com propriedade:

Dinheiro

(Rafael) – Vou catar dinheiro! Vou comprar dinheiro! Estou rico! Vou comprar comida!. Vou comprar casa! Vou comprar carro! Vou comprar carne! Olha mais dinheiro! Aqui tem mais dinheiro la, la, la ,la ...(Rodando e pulando com um punhado de papel nas mãos). (Rafael, quatro anos).

No que tange à narrativa, Vygotsky (1987) diz que a criança, a partir dos dois anos até por volta dos sete anos, apresenta duas funções, mesmo sem diferenciá-las: a função interna de coordenar e dirigir o pensamento, e a função externa, de comunicar os resultados do pensamento para outras pessoas. E para ele a função principal da fala, tanto nas crianças como nos adultos, é o contato social.

Tanto Vygotsky quanto Bakhtin entendem que o entendimento mútuo pode ser conseguido através de uma fala completamente abreviada, bastando que os interlocutores estejam direcionados para o mesmo sujeito. Os dois autores dão destaque ainda para as expressões faciais, os gestos, o tom das vozes e um conhecimento mútuo do tema, importante para esse diálogo específico.

Ao comparar diálogo com escrita, Vygotsky (1987) nos mostra que a escrita exige uma fala mais elaborada, já que o tom de voz e o conhecimento prévio do tema ficam excluídos desse processo.

Como teórico da linguagem, o referido autor acena para a importância da história na imaginação. Na interação encontrada na narrativa há incorporação ativa das experiências culturais e dos significados acumulados historicamente.

Corroborando com esse ponto de vista, Bakhtin (1981) afirma que as linguagens refletem a diversidade da experiência social. Não há um enunciado isolado, todo enunciado tem a ver com o que o antecedeu e com os que o sucedem. Todo enunciado é um elo de uma cadeia. Dois enunciados distantes um do outro no tempo e no espaço, quando confrontados em relação ao seu sentido, podem revelar uma relação dialógica.

Considerações finais

Concluimos a relevância da interação social, nos processos comunicativos, que abrange os mecanismos de memória da criança, em que a linguagem é o lugar de restabelecimento do sujeito enquanto ser histórico e social. Isto nos leva diretamente ao encontro do pensamento de Vygotsky e Bakhtin. Segundo os autores, o desenvolvimento da criança se origina na interação social com relação mútua entre os segmentos individual e social, ou seja, o desenvolvimento linguístico infantil só pode ser realizado em suas relações com o outro.

A partir dessas considerações, constatamos que as narrativas infantis constituem-se em importantes instrumentos de construção de valores e de manifestação cultural infantil, onde a linguagem é, assim, reconhecida como instrumento mediador entre a criança e o espaço de recuperação do sujeito questionador e participante de decisões.

Fica evidente, nas concepções de linguagem para Vygotsky e Bakhtin, a intenção de resgatar os múltiplos sentidos que a palavra pode alcançar, sentidos entre o verbal e o extraverbal. Concepção essa, que tem enormes verdades sobre a constituição da verdade na teoria do conhecimento que, para Bakhtin, não se encontra no interior de uma única pessoa, mas sim no processo de interação dialógica entre as pessoas que a buscam coletivamente. Para Vygotsky, isso seria a interiorização dos conteúdos históricos e culturais de modo que a natureza social das pessoas torne-se também sua natureza psicológica.

De nossa parte, entendemos que cumprimos o nosso papel de leitores, ao reelaborar o pensamento de Bakhtin e Vygotsky, construindo um diálogo real entre as suas ideias .

Para finalizar, gostaríamos de dizer que a linguagem tem um papel libertador, não podendo aceitar o sistema normatizador tão presente em nossa sociedade, impedindo que as crianças exerçam desde cedo a liberdade de ser, construir e participar e re(pensar). Assim, não podemos deixar de colocar a linguagem em seu devido lugar inserida em uma educação de qualidade para as nossas crianças.

Bibliografia

- Bakhtin, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. Epistemologia das Ciências Humanas In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- FIORINDO, P. P. **Em torno da narrativa/narração: a proposta revisitada do modelo laboviano de narrativa oral**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH/USP, 2005.
- JOBIM E SOUZA, S. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin** – Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- Vygotsky, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- _____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1987
- _____. **A imaginação e a arte na infância**. Lisboa. Relógio D'água, 2009.

